

A RELAÇÃO INTERPESSOAL PRECEPTOR-EDUCANDO SOB O OLHAR DE MAURICE TARDIF: REFLEXÃO TEÓRICA*

Letycia Sardinha Peixoto¹, Cláudia Mara de Melo Tavares², Donizete Vago Daher³

¹Enfermeira. Mestre em Ciências. Universidade Federal Fluminense. Niterói-RJ-Brasil.

²Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Universidade Federal Fluminense. Niterói-RJ-Brasil.

³Enfermeira. Doutora em Saúde Coletiva. Universidade Federal Fluminense. Niterói-RJ-Brasil.

RESUMO: O objeto deste estudo consiste no Relacionamento Interpessoal entre o preceptor e o educando, enfatizando a interação desses atores e a importância da mesma como fator determinante para a formação profissional. A proposta tem por finalidade refletir sobre essa relação considerando a influência dela nos aspectos pedagógicos, sociais e culturais do processo de ensino-aprendizagem, explorando uma perspectiva teórica de Maurice Tardif acerca dos Saberes e da Interação humana. Um intercâmbio forte, autêntico e veraz proporciona o desenvolvimento de habilidades interpessoais, que é um componente de vida social, e atua em prol de benefício mútuo na formação e na profissionalização.

DESCRIPTORES: Tutores; Relações interpessoais; Serviços de integração docente-assistencial.

THE INTERPERSONAL RELATION TUTOR-STUDENT FROM THE PERSPECTIVE OF MAURICE TARDIF: A THEORETICAL REFLECTION

ABSTRACT: This study is focused on the Interpersonal Relationship between tutors and students, emphasizing the interaction between these actors and its importance as a determining factor for professional education. The objective of this proposal is to reflect on this relationship, considering its influence on the pedagogical, social and cultural aspects of the teaching-learning process, exploring a theoretical perspective by Maurice Tardif on Knowledge and Human interaction. A strong, authentic and truthful exchange leads to the development of interpersonal skills, which is a component of social life, and acts in favor of mutual benefits in education and professionalization.

DESCRIPTORS: Tutors; Interpersonal relationships; Teaching-Care integration services.

LA RELACIÓN INTERPERSONAL PRECEPTOR-EDUCANDO BAJO LA VISIÓN DE MAURICE TARDIF: REFLEXIÓN TEÓRICA

RESUMEN: El objeto de este estudio abarca la Relación Interpersonal entre el preceptor y el educando, enfatizando la interacción de esos actores y la importancia de esta como factor determinante para formación profesional. La propuesta tiene la finalidad de reflexionar acerca de esa relación considerando la influencia de ella en los aspectos pedagógicos, sociales y culturales del proceso de enseñanza-aprendizaje, explorando una perspectiva teórica de Maurice Tardif acerca de los Saberes y de la Interacción humana. Un intercambio fuerte, auténtico y veraz proporciona el desarrollo de habilidades interpersonales, que son componentes de vida social, y actúa en favor del beneficio mutuo en la formación y en la profesionalización.

DESCRIPTORES: Tutores; Relaciones interpersonales; Servicios de integración enfermo-asistencial.

*Artigo originado da disciplina Psicossomática, Relações Humanas e Subjetividades do Mestrado Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde. Universidade Federal Fluminense, 2012.

Autor Correspondente:

Letycia Sardinha Peixoto

Universidade Federal Fluminense

Rua Doutor Celestino, 74 - 24020-091 - Niterói-RJ-Brasil

E-mail: letyciasardinha@gmail.com

Recebido: 10/01/2013

Finalizado: 28/04/2014

INTRODUÇÃO

Saber relacionar-se é um dos desafios do preceptor, e o processo de trabalho, atrelado ao compromisso educador, exige a formação de parcerias didático – práticas para resolução de conflitos interpessoais e o enfrentamento diário da profissão. Nesse sentido, o preceptor é aquele que acompanha e instrui o educando na vivência diária da prática profissional.

Segundo a Portaria 1000/05 do Ministério da Saúde, o preceptor é aquele que desenvolve supervisão docente – assistencial, exerce as atividades de organização do processo de aprendizagem e orientação aos estudantes. E para esta prática, ele deve ter no mínimo três anos de experiência na área de aperfeiçoamento ou titulação acadêmica de especialização ou residência⁽¹⁾.

As relações sociais podem ser entendidas como um conflito saudável de saberes entre pessoas que vêm contribuir para reflexão da postura individual e tomada de decisão, desencadeadas a partir de experiências no cotidiano do trabalho a qual está sendo exposto e, conseqüentemente, à resolução de problemas de seu campo profissional pela legitimação de cada saber adquirido ao longo da vida⁽²⁾.

É na convivência que se tem a necessidade de enxergar o outro, e isso permite desenvolver-se de forma cooperativa, podendo trabalhar a auto avaliação. Assim, entende-se que o ser social deve estar preparado para reflexão e criticidade, de modo a decidir como agir em diferentes circunstâncias da vida e do trabalho⁽³⁾. Este comportamento favorece a construção do conhecimento⁽⁴⁾ por meio da troca de vivências, e, nesta reciprocidade tem-se uma aprendizagem significativa, aprendendo a aprender.

Desta forma, a relação preceptor-educando define-se como relação de permuta, favorecendo um plano de desenvolvimento pessoal para ambos, no qual o preceptor deixa de ser apenas um sujeito ativo, pois também aprende, cresce e amadurece na convivência com o discente. Considera-se que o papel do educador está além da função de ensinar, sua ação engloba aconselhar, inspirar, influenciar, motivar, incentivar e direcionar para o desenvolvimento dos menos experientes⁽⁵⁾.

Diante do exposto, o estudo tem por objetivo provocar uma reflexão sobre o relacionamento interpessoal preceptor-educando, uma vez que ambos são indivíduos independentes, cuja principal dimensão é o desenvolvimento de aprendizagem mútua, enfocando esse processo dentro da perspectiva de Maurice Tardif acerca dos saberes e da interação humana, e a influência dessa relação em seus aspectos pedagógicos, sociais e culturais no processo de ensino – aprendizagem do educando⁽⁶⁾.

A RELAÇÃO PRECEPTOR-EDUCANDO E SUA CORRELAÇÃO COM O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Para Paulo Freire, a busca pela pedagogia da libertação perpassa o campo da verdadeira superação das concepções tradicionais da educação, como o papel passivo do discente e a antialogicidade, que o autor chama de educação bancária, pois o aluno é visto como um depósito de informações advindas do professor. Esta pedagogia tradicional ainda influencia as práticas pedagógicas. Pela verticalização das relações, desconstrói-se a empatia e a aproximação natural entre o preceptor e o educando, o que interfere na interação entre esses dois atores e, possivelmente, na produção do conhecimento⁽⁷⁾.

O docente deve estar atento à manutenção de uma relação sadia com o discente, reforçando o caráter produtivo dela, incorporando práticas positivas, a fim de agregar valores, buscando autenticidade, confiança, respeito e compreensão do ser humano, levando-o para ação de reflexão, postura essa a ser provocada e incentivada no educando⁽⁸⁾.

Ao trazer o educando para um cenário de experiência viva, o preceptor assume o papel de facilitador. Porém, a relação preceptor – educando não é somente direcionada para execução de práticas profissionais, pelo contrário, tem forte influência da interação pessoal, no sentido de dar suporte humano, mantendo a corresponsabilidade na aprendizagem, promovendo situações estimuladoras de construção do próprio conhecimento e também da postura profissional⁽⁹⁾.

O relacionamento interpessoal, junto a uma equipe, deve estar ancorado em competências éticas, técnicas, individuais e interpessoais, pois

é preciso lidar com o outro na construção do trabalho com seres humanos, cujo aprimoramento leva a graus de superação na resolução de conflitos de coletividade, e torna as atitudes mais efetivas, preparando tanto o preceptor quanto o educando para as situações de adversidade⁽¹⁰⁾.

O fortalecimento das relações baseado em veracidade e amorosidade perpassam pelo campo do diálogo entre os sujeitos, afinal dialogar é mais que uma simples conversa. A dialogicidade da relação entre preceptor e educando é diferencial para a interação entre estes indivíduos e vem a ser atributo fundamental no processo de ensino-aprendizagem, favorecendo também a formação crítico-reflexiva que apresenta uma prática profissional mais resolutiva⁽¹¹⁾.

O preceptor, no uso de suas atribuições, embora não pertença à academia, tem sua relação com o discente mais próxima, intensa e permite o contato com novas experiências, bem como na socialização do educando com o ambiente de trabalho, demonstrando preocupação não só com os aspectos do processo de ensino-aprendizagem, mas também do desenvolvimento pessoal⁽¹²⁾.

A INTERAÇÃO HUMANA PROPOSTA POR MAURICE TARDIF COMO ELO DO RELACIONAMENTO INTERPESSOAL

Maurice Tardif traz, em sua escrita acerca dos docentes, a questão do novo profissionalismo. Apesar de suas obras serem direcionadas para o cotidiano dos mestres, redireciona o olhar para os preceptores que têm também a função de ensinar e, por vezes, adquirem corresponsabilidades junto ao docente.

Esse define o trabalho interativo como um dos seus fios condutores, no qual o trabalhador se relaciona com o seu objeto de trabalho fundamentalmente por meio da interação humana. O saber está ligado a poderes e regras mobilizados pelos próprios atores sociais envolvidos, além de estar ligado a fatores como: valores, ética, tecnologia da interação, que constroem conhecimento e dão base para o saber-fazer⁽¹³⁾.

A construção de elos de confiança e respeito entre o preceptor e o educando se apoia no que Tardif define como subjetividade do ator social,

que deve ser levada em consideração, afinal o saber é ligado a fatores específicos da prática cotidiana do preceptor, e este deve ser visto como sujeito que possui, utiliza e produz saberes específicos do seu ofício. Faz-se necessário, então, refletir sobre a subjetividade desse preceptor para entender sua interação com o educando⁽¹³⁾.

Relacionar-se a partir de uma interação verdadeira, possibilita o desenvolvimento de habilidades interpessoais, que são componentes da vida em sociedade, e que ajudam a trabalhar em prol de benefícios mútuos. O preceptor oportuniza a construção dessas habilidades e, conseqüentemente, o discente tende a ser recíproco, desenvolvendo-as de forma adequada à profissão⁽¹⁴⁾.

Entende-se o saber entre preceptor e educando como aspecto social, a partir de fatores individuais e coletivos que interferem em como ensinar. Sendo assim, a interação humana não deve ser vista como fator isolado na construção da prática pedagógica, pois há uma relação de condução entre uma ação preceptora e o trabalho interativo.

A relação de afetividade construída entre o objeto de trabalho e sua relação com quem o faz, e a dimensão afetiva nesse contexto é importante devido à característica biopsicossocial, pois numa relação entre seres humanos, entendendo que o objeto de trabalho é o próprio ser, decorre um componente emocional que se manifesta claramente entre os sujeitos envolvidos, afinal todo ser é complexo e traz suas peculiaridades, que vão além do tecnicismo da profissão⁽¹⁴⁾.

Os saberes experienciais são peças chave na relação preceptor – educando e no processo de ensino-aprendizagem, pois a própria experiência pode ser vista como aprendizagem espontânea. Além da experiência da vida profissional, o preceptor traz também sua história, tão marcante quanto às situações de trabalho, assim como seus saberes disciplinares, curriculares e pessoais⁽¹⁵⁾.

As tecnologias de interação sem a coerção e a autoridade, provocam saberes relacionados ao respeito pelos seres humanos e também pelos saberes experienciais, englobam a vivência e, ao mesmo tempo, a construção da relação entre quem ensina e quem aprende reciprocamente, ou seja, o preceptor e o educando dividem ambos os papéis e juntos fortalecem a verdadeira práxis no processo de ensino-aprendizagem.

O trabalho interativo contribui para avançar na aprendizagem significativa, tendo em vista o favorecimento da produção de conhecimento e do desenvolvimento dos saberes mobilizados durante a prática preceptora, que poderá propor caminhos para mudanças na prática pedagógica. O preceptor e o educando resistem às situações adversas do processo de trabalho, e, a partir daí, desenvolvem ajuda mútua e constroem parcerias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tem-se, na relação preceptor – educando, uma temática significativa para ser explorada continuamente, exigindo reflexão e auto avaliação, além do compromisso em saber olhar o outro. Na tentativa de compreender essa interação e abarcando os saberes de Maurice Tardif, observa-se uma perspectiva importante do papel do docente no processo de ensino- aprendizagem do discente, e da necessidade de uma preceptoria desenvolvida com maior vínculo interpessoal para o favorecimento da formação teórico-prática.

O processo de aprendizagem pode então, vir a ser influenciado pela relação preceptor – educando, pois o relacionar-se com o outro interfere no comportamento, no aprendizado, na postura, na apreensão e na construção do conhecimento.

A proposta de Maurice Tardif embasa a necessidade do relacionar-se, e do porque relacionar-se bem, pois a interação entre o preceptor e o educando traz o trabalho interativo como forma de fortalecer a coletividade, além das questões éticas, sociais e profissionais. É preciso investir nessa relação, para que o desenvolvimento de competências interpessoais necessárias a cada profissão seja mediado pela criticidade, criatividade, coleguismo, trabalho em equipe e, conseqüentemente, melhores profissionais estarão atuando em benefício da comunidade.

REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde (BR). Série A. Normas e Manuais Técnicos. Guia de Orientação do Enfermeiro Residente: Curso de Pós- Graduação (Especialização), sob a forma de treinamento em serviço (Residência) para Enfermeiros (Residência em enfermagem). Beatriz Gerbassi Costa Aguiar (Coord.). Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF; 2005.
2. Barbeiro F, Miranda L, Souza SR. Enfermeiro preceptor e residente de enfermagem: a interação no cenário da prática. R. pesq.: cuid. fundam. [Internet] 2010;2(3) [acessado em 30 out 2012] Disponível: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/584>
3. Tronchin DMR, Gonçalves VLM, Leite MMJ, Melleiro MM. Instrumento de avaliação do aluno com base nas competências gerenciais do enfermeiro. Acta Paul. Enferm. [Internet]. 2008;21(2) [acesso em 24 nov 2012] Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002008000200020>
4. Assad LG, Viana LO. Formas de aprender na dimensão prática da atuação do enfermeiro assistencial. Rev. bras. enferm. [Internet] 2005;58(5) [acesso em 26 nov 2012]. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672005000500016>
5. Botti SHO, Rego S. Preceptor, supervisor, tutor e mentor: quais são seus papéis?. Rev. bras. educ. med. 2008;32(3):363-73.
6. Cunha M, Ribeiro O, Vieira C, Pinto F, Alves L, Santos R, et al. Atitudes do enfermeiro em contexto de ensino-clínico: uma revisão da literatura. Millenium – Rev. IPV. 2010;38(1):271-82.
7. Freire P. Pedagogia do oprimido. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2011.
8. Barreto VHL, Monteiro ROS, Magalhães GSG, Almeida RCC, Souza LN. Papel do preceptor da atenção primária em saúde na formação da graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco: um termo de referência. Rev. bras. educ. med. [Internet] 2011; 35(4) [acesso em 20 nov 2012] Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022011000400019>
9. Caetano J, Diniz R, Soares E. Integração docente-assistencial sob a ótica dos profissionais de saúde. Cogitare enferm. [Internet] 2009;14(4) [acesso em 23 nov 2012] Disponível: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/view/16376/10857>
10. Lelli L, Bernardino E, Peres A, Fabriz L. Estratégias gerenciais para o desenvolvimento de competências em enfermagem em hospital de ensino. Cogitare enferm. [Internet] 2012; 17(2) [acesso em 23 nov 2012]. Disponível: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/view/24932/18480>.
11. Carraro T, Sebold L, Kempfer S, Frello A, Bernardi M. Ensinar- aprender a cuidar de feridas: experiência de enfermeiras estagiárias docentes. Cogitare enferm. [Internet] 2012;17(1) [acesso em 23 nov 2012]. Disponível: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/view/26391>

12. Tavares PEN, Santos SAM, Comassetto I, Santos RM, Santana VRS. A vivência do ser enfermeiro e preceptor em um hospital escola: olhar Fenomenológico. Rev Rene. 2011;12(4):798-807.
13. Tardif M. Saberes docentes e formação profissional. 11ª ed. Petrópolis: Vozes; 2010.
14. Quilesb AS, Hernández MEF. Perfil emocional de los estudiantes en prácticas clínicas. Acción tutorial en enfermería para apoyo, formación, desarrollo y control de las emociones. Investig. Educac. Enfermería. 2008;26(2): 226-35.
15. Tardif M. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 7ª ed. Petrópolis: Vozes; 2012.